

...50...

Retorno *de* Freud

Potiguara M Silveira Jr

No final da peça *Uma Casa de Bonecas*, publicada pelo dramaturgo norueguês Henrik Ibsen em 1879, Nora, a protagonista, diz a seu marido Torvald:

Você sempre foi gentil comigo. Mas nossa casa tem sido apenas um salão de jogos. Tenho sido sua esposa-boneca tal qual fui uma criança-boneca de meu pai; e aqui meus filhos têm sido minhas bonecas. Achava divertido você brincar comigo, assim como achavam divertido quando brincava com eles. Isto é o que foi o nosso casamento.

Nora tinha decidido ir embora daquela Casa de Bonecas, daquele casamento em que vivia com Torvald, seus dois filhos e uma filha. Percebeu que repetia para as crianças o fato de serem filhos de seu marido, netos de pais e mães de seus pais – e que eles serão futuros funcionários de banco, tal qual o pai, e futura administradora de alguma casa de bonecas, tal qual a mãe. Na época, o final da peça causou escândalo e protesto. Parecia inimaginável uma mulher, uma mãe de família, agir assim –

deixar os filhos e ir buscar fora de sua casa saber quem ela realmente era.

Ibsen é tido como um dos iniciadores do que veio a ser conhecido como “rompimento moderno” (Bradbury [1976], p. 33), deslanchador do que é chamado de Modernismo, ou Modernismos – e que dará o tom ao século XX, com efeitos em todas as suas produções culturais, no mundo e no Brasil.

Em 1900, aos dezoito anos, o irlandês *James Joyce* escreve um ensaio sobre Ibsen e sua nova dramaturgia. Ibsen lê o ensaio, gosta e lhe manda cumprimentos. Quatro anos depois, em 16 de junho de 1904, outra Nora, esta, uma pessoa real – Nora Barnacle –, iniciará o jovem Joyce nas manhas do sexo: “Você fez de mim um homem”, dirá ele. Quase vinte anos depois, esse dia, 16 de junho de 1904, se torna o *Bloomsday* relatado em seu livro *Ulysses*, publicado em 1922. É o dia do périplo de Leopold Bloom em Dublin até a madrugada, quando desaba na cama em que dormia sua esposa, Molly Bloom. Esta, um personagem baseado em Nora Barnacle. Molly desperta e, deitada ao lado dele, inicia seu monólogo sobre os homens, suas idiossincrasias e suas guerras, sobre o que ela sente, sobre o tédio que a arrebatava e a decepcionava por ser recorrente e sem possibilidade de satisfação definitiva – e termina o livro com uma frase que será inúmeras vezes citada depois:

...e sim eu disse sim eu quero Sim.

É um dos ápices da expressão do Modernismo, de seu rompimento com o que antes se mostrava como romantismo ou naturalismo. Estes já eram modernos, mas não ainda modernistas (Bradbury; McFarlane [1976], p. 33). A rua, o bar, a sala, a cozinha, o quarto e a cama são (re)alçados a protagonistas da saga da humanidade até então, e do que viria depois. A sequência, o decorrer dos fatos no século XX – ditaduras, guerras, extermínios planejados e executados em série, movimentos feministas e identitários, reações violentas... –, só parece reafirmar e desdobrar em escala assustadoramente maior os acontecimentos comezinhos daquele 16 de junho de 1904.

“*The mockery of it*” – a piada da coisa – é a frase dita por Buck Mulligan, o primeiro personagem a aparecer no livro. E talvez seja o fundo da narrativa, da história, de seu pesadelo... e da onipresença do tesão e da morte a cada minuto do dia que corre.

1972

É o ano do Jubileu da publicação de *Ulysses*, de Joyce, e é quando, aqui no Brasil, MD Magno escreve os primeiros textos que servirão de base para, em 1985, apresentar a Nova

Psicanálise – ou NovaMente como veio a ser nomeada depois. É uma reformatação da psicanálise que, na linhagem de Freud e Lacan, busca colocá-la em sintonia com o que acontece em nossa contemporaneidade – como, aliás, Freud e Lacan fizeram em relação a suas épocas. Agora, o que dá o tom é a onipresença da tecnologia, cada vez mais acelerada e invasiva em nossos cotidianos.

A década de 1970 foi precedida de certa comoção, de certa revolta contra as Casas de Bonecas ainda em vigor nos corações e mentes. Vejamos dois exemplos musicais:

- Em 1967, os Beatles cantavam sobre uma moça que, tendo constatado que vivera sozinha por tantos anos, resolve sair da casa dos pais:

She's leaving home, after living alone, for so many years.

Ela estaria se livrando daquela casa, daquele ambiente:

Stepping outside, she is free.

- No Brasil, em 1968, Gal Costa cantava os versos de Torquato Neto:

Mamãe, mamãe, não chore

A vida é assim mesmo

Eu fui embora

...

Eu nunca mais vou voltar por aí

Talvez a situação não tivesse mudado tanto desde que Nora saíra de sua casa de bonecas cem anos antes. Terá mudado hoje, 2022? – podemos perguntar. Guardemos a questão.

Voltando a 1972, é também o ano do jubileu da *Semana de Arte Moderna*, realizada em São Paulo. O Brasil já absorvera as ideias modernistas na cultura, no urbanismo e nos costumes, e buscava projetar-se artisticamente. A revista-manifesto do pessoal de 1922 se intitulava *Klaxon* ('buzina', em francês). Nove números foram publicados até 1923. E é notável que, em 1907, outra revista tinha sido lançada no Brasil, com certas inovações modernistas já incorporadas em termos de mídia de massa. Seu título é *Fon-Fon* e circulará até 1958. É um modo bem brasileiro e direto de definir a presença moderna da buzina nas rotinas de nossas cidades. Uma "tradução exu" de *Klaxon*, para utilizar um conceito do poeta Guilherme Gontijo Flores.

Hoje, cem anos depois, críticos e comentadores buscam lançar nova luz sobre o que acontecia em SP e no Brasil naquele 1922. Alguns dizem que focar em SP, ou mesmo no eixo Rio-SP, é diminuir a reflexão sobre o que já se manifestava em outros estados da República como arte brasileira. Entretanto, para guerrear com o academicismo vigente na arte e na cultura oficiais brasileiras de então, talvez tenha sido mesmo necessário organizar um movimento numa cidade centralizadora no país,

com condições financeiras de coligar aqueles antenados à vanguarda europeia e ao Modernismo lá em curso.

Voltando às ocorrências a partir de 1972, temos que, em 1984 – ano emblemático das distopias –, no Brasil, Paula Toller cantava o refrão:

Tenho pressa e tanta coisa me interessa,

Mas nada tanto assim.

Era o espírito de uma época já em andamento, que se mostrava concretamente portátil, móvel, se podemos caracterizar desse modo.

Retorno para Adiante

Dissemos, então, que, em 1972, temos os textos que, em 1985, vêm assumir-se declaradamente como uma Psicanálise Brasileira, uma Psicanálise do Brasil, uma Psicanálise da *América Ladina*, como Magno nomeara em 1980 o continente que é o do Brasil.

O que ele fez foi levar adiante o que Freud trouxera em 1920 como Pulsão de Morte. E o que Lacan apresentava em forma de pergunta em 1958:

Quem interrogou tão intrepidamente quanto esse clínico [referindo-se a Freud] (...) sobre a vida e seu sentido, e não para dizer que ela não o tem, maneira cômoda de se lavar as mãos, e

sim que ela só tem um, no qual **o desejo é carregado pela morte?** (Lacan [1966], p. 642)

Foi seguindo essas indicações sobre a base pulsional da psicanálise, que Magno introduzira em 1982 a máquina, o dispositivo, o conceito de *Revirão*, que será o eixo da Nova Psicanálise. E no Revirão está situado o que chamou de *Ponto Bífido*, um lugar referido a uma situação para aquém das oposições do mundo: uma unificação anterior, a qual, ela sim, é a produtora das oposições. A psicanálise se define, então, justamente, como tentativa da produção do *caminho de volta* a esse ponto bifendido antes das oposições que vemos o tempo todo em nosso cotidiano mental e social. Ela assim procede no sentido de, para adiante, propiciar às pessoas um acrescentamento nas possibilidades de seus manejos de mundo, de seus modos de lidar com as oposições.

Aí está o cerne dessa psicanálise que busca fazer o retorno **de** Freud à sua experiência da Pulsão em 1920. Freud não a tomou como modelo para, a partir dela, retomar os achados da psicanálise em seu percurso posterior. Lacan, por sua vez, enfatizou que toda pulsão é de morte, mas seu retorno a Freud estava sobretudo interessado em limpar a *leitura* da obra freudiana, cujas operações se mostravam por demais

impregnadas dos comportamentos sintomáticos circunstanciais de sua época.

Assim, uma vez esse percurso já feito, de Freud e Lacan, abre-se espaço para uma *Nova Psicanálise*, uma *Psicanálise Fon-Fon*, diríamos nós, no caso do Brasil. O título de sua revista-manifesto já não precisa ser algo como *Klaxon*, já pode ser, como foi: *Revirão: Revista da Prática Freudiana*. Seu terceiro e último número, de dezembro de 1985, além de transcrever uma fala de Chacrinha no Colégio Freudiano, intitulada “A Buzina do Brasil”, traz um editorial escrito por Magno em que podemos ler considerações ainda úteis para os dias de 2022:

Numa época como a nossa, a confusão parece ser a regra e Lacan dizia mesmo que vivemos num período mais obscurantista que a Idade Média. O surpreendente é que o obscurantismo hodierno é, fundamentalmente, o da comunicação fácil, imediata, total, e o aspecto que ele assume nos *media* é o da falação delirante, se não meramente leviana, que quer se fazer passar por posicionamento científico. Resultado: nenhuma prudência conceitual e tudo passa a poder explicar tudo. Onde ficam as questões? Sem lugar?

É uma nota bem acurada sobre os reflexos dos acontecimentos globais em nosso país, segundo o jeito daqui – e que vem junto com uma proposta de elaboração sobre o futuro a

partir de um posicionamento original também produzido aqui. Aliás, foi isso mesmo que Lacan fizera ao propor seu retorno francês a Freud. Retorno este já esgotado, como o próprio Lacan constatou em vida, no início dos anos 1970 – sua proposta é rica e precisa, mas ligada a parâmetros do século XX, o qual, segundo vários autores, teria terminado nos anos 1980.

Então, mesmo que as Casas de Bonecas ainda insistam em manter seu reinado hoje, com uma sagrada família continuando a produzir princesas e príncipezinhos – e, portanto, borrando possibilidades de seus moradores chegarem perto de alguma noção mais lúcida de quem eles são realmente –, é o caso de lembrar que o caminho tomado há cinquenta anos na elaboração do aparelho clínico e conceitual da Nova Psicanálise, ao contrário, visava lidar com as bonecas de modo bem diferente.

Uma indicação dada por um de seus autores de referência (de língua portuguesa, é claro) pode nos ajudar a acompanhar seu procedimento. Lá em 1931, o moderno Fernando Pessoa – que já entendera muito bem quem ele realmente era: *Ninguém* – anota o seguinte:

E afinal, hoje, relendo [o que escrevi],
vejo rebentar meus bonecos,
sair-lhes a palha pelos rasgos,
despejarem-se sem ter sido...

(*Livro do Desassossego* [169])

Então, seguindo a leitura que propusemos acima, é o caso de dizer que foi nessa linha que tudo isso, todo esse Novo, (re)começou há cinquenta anos.

...

E para concluir, a título de curiosidade quanto aos modos das coisas, vejamos o que diz Magno em 1992, vinte anos depois de seus textos inaugurais da Nova Psicanálise:

...o estilo de minha falação é como a de uma cabeça pós-quadrinhos e pós-televisão. O que fazer? Fomos invadidos por isso. O que pode ser, por exemplo, uma cabeça pós-Tv colorida com controle remoto e muitos canais? Imaginem que isso faça um estilo. Afinal de contas, a chamada tele-visão é a irmã caçula, rebelde e dissidente, da meta-física ([1992], p. 130).

Para aqueles nascidos a partir do final da década de 1990, talvez seja difícil entender a novidade e o impacto que tiveram na vida cotidiana coisas como múltiplos canais e controle remoto, mas trata-se aí da prospecção do que possa ser um *estilo Pró-Moderno*, aquele que se expressa como singularidade e se apresenta como exemplaridade ([1995], p. 150) sempre que se desfazem os parâmetros organizadores e referenciais de uma época.

...

Referências

- BRADBURY, Malcolm; McFARLANE, James. [1976] *Modernismo: Guia Geral 1890-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- IBSEN, Henrik. [1879] *A Doll's House*. Adaptação da BBC, 1992. Direção: David Thacker. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ZJDnHQT2BDk>
- JOYCE, James. [1922] *Ulysses*. Nova York: Vintage Books, 1961.
- LACAN, Jacques. [1958] La Direction de la Cure et les Principes de Son Pouvoir. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 585-645
- MAGNO, MD. Editorial. *REVIRÃO: Revista da Prática Freudiana*. Rio de Janeiro: Outra editora, v. 3, dez 1985. p. III
- _____. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____. [1995] *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.
- PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. (Org.: Richard Zenith). Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2006. [169], p. 184
- THE BEATLES. She's leaving home. In: *Sgt Pepper's Lonely Club Band*. LP, 1967.
- TOLLER, Paula. *Nada Tanto Assim*. Composta por Bruno Fortunato e Leoni. Kid Abelha, 1984.